

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS - RECONSTRUINDO O LUGAR DO CAMPO NA COMUNIDADE DE SÃO SEBASTIÃO

Liane dos Santos Rodrigues*

Aniara Ribeiro Machado**

RESUMO

O referido artigo teve por objetivo resgatar memórias e histórias das pessoas que constituem o que é a vila de São Sebastião. O qual desmembrou-se em três eixos, que são: Conhecer a história da comunidade da vila de São Sebastião, resgatar os conhecimentos e saberes a partir das memórias que constituem a comunidade e entender como se dá o processo de (re) significação de conhecimentos inter-gerações na referida comunidade. Para tanto foram realizadas pesquisas bibliográficas, e também foi realizado um resgate das memórias das pessoas que constituem a comunidade de São Sebastião para tanto, foram utilizados dois momentos, a escuta e a narrativa das memórias. Em síntese, a pesquisa deu-se a partir da convivência/observação e diálogo com a comunidade, pois mesmo fazendo parte deste lugar muitas vezes não percebia os conhecimentos que dão identidade a São Sebastião, as quais estou chamando de significação e (re)significação dos conhecimentos.

Palavras-chaves: Educação do Campo, Memórias, Histórias.

1 INTRODUÇÃO

O interesse em estudar o tema “A significação e (re) significação dos conhecimentos inter-gerações da comunidade de Torquato Severo (Vila de São Sebastião),” nasce a partir do momento em que ingressei no curso de Educação do Campo – Licenciatura. No primeiro semestre fui instigada a rememorar lembranças de minha infância, através de um memorial de formação, proposto pelo **PROJETO INTERDISCIPLINAR I** que tinha como título: **Identidade, Memória e Educação**, em que foi proposto um exercício de reflexão sobre minha trajetória de vida no campo. Com o objetivo de compreender a memória social que é característica dos processos identitários que se entrelaçam à formação docente.

No segundo semestre seguindo o mesmo caminho nos foi proposto fazer o relatório do **PROJETO INTERDISCIPLINAR II** que tinha como título **Escola como espaço emancipatório**; objetivo deste foi que conhecêssemos melhor o contexto da

escola que está inserida na comunidade, quais as expectativas tanto dos docentes, quanto dos discentes, em relação à escola do campo, neste projeto foi feita uma análise do comportamento tanto dos professores, quanto dos alunos em relação a educação do campo, foi preciso contar com o apoio da direção da escola para que eu pudesse observar de perto como é o desenvolvimento do contexto escolar daquela comunidade, quais expectativas e anseios, tanto dos docentes, quanto dos discentes.

Já no terceiro semestre, foi feita uma análise do território no qual nossa comunidade está inserida, esta análise fazia parte do **PROJETO INTERDISCIPLINAR III**, que teve como tema: **Reflexões a partir do território e territorialidade**. Neste, foram elencados os elementos mais relevantes da comunidade, do ponto de vista dos aspectos sociais, econômicos, ambientais e culturais. O projeto também teve por objetivo, a contextualização e problematização de algum tema gerador que caracterizasse uma questão central que fosse identificada através da pesquisa de campo feita na comunidade, ou ainda que explicitasse as condições de vida da comunidade e a existência da Escola do Campo.

No quarto semestre foi a vez de conhecer as políticas públicas existentes na comunidade e escola através do **PROJETO INTERDISCIPLINAR IV**, denominado **Dinâmicas socioeconômicas e sociopolíticas no contexto da Educação do Campo**. Para a realização do relatório deste projeto, foi necessário um melhor entendimento sobre as políticas públicas e as relações entre os Projetos do governo de desenvolvimento para o campo e a educação do campo, para tanto foi preciso um estudo sobre as políticas públicas voltadas para o campo e a educação do campo e seus impactos no contexto escolar. Cabe ressaltar que o foco do estudo continuada sendo a comunidade de Torquato Severo, (Vila de São Sebastião)

Durante o quinto semestre o meu interesse pelo tema central de meu TCC se faz ainda mais presente, pois o **PROJETO INTERDISCIPLINAR V**, teve como tema gerador **O TRABALHO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO**. O projeto objetivava uma melhor compreensão das diferentes formas de trabalho na comunidade, fazer um registro sobre as condições de trabalho inseridas na mesma, bem como identificar algumas alternativas que se contraponham ao modo de produção capitalista, distinguir entre os modos de produção estudados, as diferentes relações que se

estabelecem com a natureza, bem como fazer uma discussão e análise sobre as implicações entre educação e o mundo do trabalho, pensar o trabalho como organizador e norteador do currículo escolar nas escolas do campo.

Durante o sexto semestre, o **PROJETO INTERDISCIPLINAR VI**, teve como tema gerador: **Gestão de práticas sustentáveis no/do campo**, que foi o último projeto interdisciplinar do curso, teve como objetivo a elaboração de um Plano de Práticas Sustentáveis no/do Campo e suas relações com o ensino de ciências, para tanto foi proposto um resgate dos relatórios feitos ao longo do curso, relatórios estes que versam sobre várias temáticas como processos identitários, escola como espaço emancipatório, território e territorialidade, políticas públicas, trabalho como princípio educativo a fim de trazer elementos para a percepção de questões relacionadas ao ensino nas escolas do campo.

Em síntese, os projetos associados aos eixos temáticos foram me possibilitando o conhecimento e aprofundamento acerca da comunidade que vivo e tem instigado á vontade de conhecer ainda mais esse espaço, o qual é permeado por riquezas naturais, saberes, conhecimentos, pessoas que dão identidade a comunidade de São Sebastião. Porém, ao desenvolver os projetos percebi que algumas características da comunidade tendem a se modificar, a exemplo das formas de trabalho. Nesse sentido, busco aprofundar ainda mais as leituras a partir das memórias que constituem a referida comunidade. Para isso ao longo deste artigo são descritos os objetivos, metodologia e fundamentação teórica que permearam a construção da pesquisa de trabalho de conclusão de curso.

Frente ao exposto, teve-se como objetivo principal da pesquisa; resgatar memórias e histórias das pessoas que constituem o que é a vila de São Sebastião. O qual se apresenta desmembrado em três eixos, que são: Conhecer a história da comunidade da vila de São Sebastião, resgatar os conhecimentos e saberes a partir das memórias que constituem a comunidade e entender como se dá o processo de (re) significação de conhecimentos inter-gerações na referida comunidade.

2. ORGANIZAÇÃO METODOLÓGICA

Para conseguir alcançar os objetivos pretendidos na elaboração do artigo, usei como base a estratégia de pesquisa qualitativa, em caráter exploratório e narrativo, através de uma pesquisa de campo, que foi realizada na comunidade de São Sebastião.

Desse modo, coletei informações condizentes com meus objetivos, para que assim, eu pudesse ter material suficiente para embasar o artigo, recorri a leituras e informações que trouxeram o assunto à tona.

A pesquisa foi realizada de forma qualitativa com o resgate das memórias das pessoas que constituem a comunidade de São Sebastião, para tanto, consta-se que as pesquisas qualitativas são muito usadas na área de educação, conforme sinalizado por Zanette (2013). Pode-se destacar, ainda, que a pesquisa qualitativa visa o processo e não o resultado em si; aonde se busca uma compreensão contextualizada sobre as situações vivenciadas, valorizando as experiências dos sujeitos envolvidos no processo de investigação,

(...) o pesquisador exerce influência sobre a situação em que está investigando e é por ela também influenciado. Sendo assim, reforça-se a necessidade e a importância em retornar o projeto de formação permanente de estudos, leituras e debates em torno da temática “pesquisa qualitativa” nos trabalhos de investigação que envolvem questões da existência humana (ZANETTE, 2013, p. 166).

A escolha da pesquisa qualitativa como metodologia de investigação é feita quando o objetivo do estudo é entender o por que e para que de certas coisas, que é o meu caso, que procurei resgatar o lugar do campo na vila São Sebastião a partir de histórias e memórias dos moradores. Ou ainda, no processo mencionado a pesquisadora poderá influenciar as formas de ver e entender a comunidade, mas principalmente (re) significar as próprias memórias a partir do que lhe foi narrado. É importante ressaltar a influência que um pesquisador ou pesquisadora exerce, pois a pesquisa e a produção do conhecimento não são neutras (ZANETTI, 2013).

Para que eu conseguisse realizar o resgate das memórias e histórias foram utilizados dois momentos, a escuta e a narrativa das memórias. Ou seja, os instrumentos de coleta de dados nessa pesquisa se dão a partir da escuta, em que não se tem perguntas prontas e estruturadas ou mesmo semiestruturadas, visto que a intenção é resgatar memórias que possibilitam sinalizar as significações da comunidade de São Sebastião.

Em síntese, a pesquisa deu-se a partir da convivência/observação e diálogo com a comunidade, pois mesmo fazendo parte deste lugar muitas vezes não percebia os conhecimentos que dão identidade a São Sebastião.

Para tanto, tendo em vista o caráter qualitativo da pesquisa, me debruicei em algumas etapas:

1º) o estudo de um livro denominado (COXILHA DE SÃO SEBASTIÃO), o mesmo resgata a história de São Sebastião, história contada por um morador e que já carrega muitas memórias e conhecimentos. Para que tivesse um bom embasamento, foram necessárias várias leituras a este livro, cada vez que surgia alguma dúvida, eu recorria novamente á ele, pois nele, o autor relata com uma riqueza muito grande de detalhes os fatos acontecidos, desde a origem da comunidade em 1776, até alguns fatos ocorridos como o inicio da distribuição de água encanada para a comunidade na década de 80.

Todas as informações contidas no livro me foram de grande valia, pois ao ouvir os relatos dos personagens de minha pesquisa, eu, imediatamente fazia uma regressão para dentro do livro, e ficava imaginando como eram os lugares e como aconteciam as coisas na época da infância de meus personagens. Em suma a leitura do livro me trouxe um grande aprendizado.

2º) Conversa com moradores da comunidade, tendo em vista as diferentes gerações. Minha primeira conversa deu-se na casa do personagem á quem chamarei de (personagem 1); durante uma tarde fria de inverno, mas com um solzinho bom para esquentar a alma, resolvi começar minha investigação, para poder assim entender melhor como se dá a transmissão de conhecimentos através das memórias narrativas aqui na comunidade de São Sebastião.

Foi uma conversa muito agradável, porém muito marcante, pois por várias vezes o personagem 1, mostrou-se nostálgico ao reavivar suas memórias, e lembrar de como já foi nossa comunidade. Ele fez uma comparação de como ela está e hoje, e como já foi um dia, disse que muita coisa boa se perdeu, e que a juventude de hoje que mora aqui na comunidade não tem ideia do qual desenvolvido já foi este local que hoje está em decadência.

Minha segunda conversa deu-se por acaso em uma parada de ônibus. Certa tarde quando estava á caminho da cidade de Bagé, ao chegar na parada para aguardar o ônibus, me deparei com um senhor que também mora na comunidade desde seu nascimento; chamarei este senhor de personagem 2, este por sua vez mostrou-se muito lisonjeado em poder contar um pouco sobre sua juventude aqui na

comunidade, ele relatou-me que foi na época em que existia a linha de trem de passageiros na comunidade que ele evoluiu financeiramente, uma vez que, segundo ele este local já foi uma “grande máquina de fabricar dinheiro”, mas também lamenta muito que tudo tenha se terminado e que a comunidade tenha ficado no esquecimento.

A terceira e a quarta conversa foram previamente marcadas, desta forma, eu expliquei aos personagens 3 e 4 quais eram meus objetivos, e a conversa se deu de forma tranquila, confesso que um pouco menos emocionante que as primeiras, mas foram muito proveitosas com toda a certeza. Por terem quase a mesma idade, as falas dos personagens são muito parecidas, assim como as lembranças deles, por terem já nascido no final da década de 70, um deles lembra muito pouco da época de esplendor de nossa amada São Sebastião, o outro já nem lembra dessa época, mas ainda assim, eles relembram da juventude deles com muita nostalgia, pois segundo eles mesmo após o fechamento da estação ferroviária, a comunidade continuou ainda muito povoada por muitos anos, até meados da década de 90, que foi quando o governo privatizou a Rede Ferroviária.

Com a privatização da Rede Ferroviária, houve uma debandada geral das famílias que ainda residiam no recinto ferroviário, pois sem emprego, não tinham como permanecerem na Vila de São Sebastião.

Tais etapas constituem a base da pesquisa qualitativa nesta pesquisa, em que eles serão retomados e aprofundados conforme o trabalho se desenvolve.

3. CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE

A vila de São Sebastião é o resultado do adensamento da população em torno da Guarda Das Pedras, depois denominada de São Sebastião. Como tantos outros núcleos populacionais do Rio Grande Do Sul, a vila é fruto não de um acampamento militar transitório, mas de um posto militar permanente, com missão de vigilância da raia fronteira.

A região onde se situava a Guarda Das Pedras era denominada a Fronteira Do Rio Pardo conforme documentos da época após a conquista do Forte Espanhol de Santa Tecla, em 26 de março de 1776, os Portugueses ao mando de Rafael Pinto Bandeira, colocaram suas guardas na Coxilha de São Sebastião daí em diante era

um destacamento, isto é, os militares se revezavam no cumprimento da missão imposta distantes da sede de sua unidade cerca de 250 Km. Considerando que o transporte era a carreta de bois uma viagem de ida e volta a Rio Pardo levava em torno de um mês. Como o homem é um ser gregário, deseja ter a sua prole junto de si, isto muito contribuiu para aumentar o número de pessoas que aí se estabeleceram, construíram suas casas, organizaram suas chácaras e receberam doações devastas sesmarias.

Aos poucos, foram sendo criados os equipamentos territoriais do núcleo urbano, com a construção da capelinha, do cemitério, o quartel da guarda, a casa da pólvora, a mangueira para contenção da cavalhada, o armazém para abrigar os víveres, bem como as choupanas para a moradia dos membros do destacamento e de suas famílias.

Em conclusão afirma-se que a vila de São Sebastião foi fundada em fins de março de 1776 como consequência da criação da Guarda Das Pedras. Hoje em dia, a agropecuária é muito presente na comunidade, a poucos anos era uma comunidade voltada para a pecuária e atualmente a agricultura patronal só faz crescer, já plantaram melancia, melão, abóbora, agora é a fase da soja e do trigo e acevem na entre safra.

Temos em nossa comunidade basicamente quatro atividades que fazem circular a economia: granjeiro, peão, ferroviário ou pedreiro. Culturalmente observa-se formas diferentes de denominar as profissões e trabalhos como por exemplo o alambrador que é o profissional que faz cercas de arame e tem o hábito de falar que faz arame, assim como os granjeiros, aqueles que trabalham em granjas em atividades diversas.

Há um comércio estruturado já que guardadas proporções consegue atender as necessidades dos locais inclusive comercializando produtos de fabricação própria como os produtos da correaria que vende entre outros produtos os de fabricação própria que consagraram o negócio familiar; a mercearia que cultiva abóboras e mogangos, compra e revende ovos, queijos, rapaduras e demais produtos que apareçam valorizando os produtos locais. São estabelecimentos variados como mercado, mercearia, lancheria e padaria, agropecuária, correaria e lenheira, além de vendedores autônomos.

3.1 Conhecimento e Memória

Nesta pesquisa foi possível analisar as memórias dos sujeitos da comunidade de São Sebastião sob dois aspectos: através das narrativas que os mesmos fizeram sobre as experiências vivenciadas na comunidade, tanto individuais quanto coletivas, e as memórias que com o passar do tempo foram impregnando-se em cada espaço da comunidade onde eu com muito orgulho vivo hoje deixando assim, clara a referencia aos fatos, acontecimentos e lugares que ainda continuam em suas memórias. Assim, a partir deste momento, compõem-se considerações sobre as perspectivas das memórias postas em práticas.

O pretendido aqui é compreender os processos pelos quais a memória é transportada, até que componha a identidade individual de cada ser. Sendo assim, foi feita a análise, para entender quais são as condições sociais da produção das recordações, e como, através das narrativas, a memória pode se tornar História. Além disso, eu tentei perceber as relações existentes entre o processo histórico pós termino do transporte ferroviário, que ficou por longos anos sem manutenção, devido a dificuldades financeiras do erário público.

Isto se deu na década de 70, e originou a derrocada da via férrea, pois o rodoviarismo se impôs sobre o transporte ferroviário, desta forma também faltou incentivo á produção local, desde as cargas vivas, até alimentos perecíveis e não perecíveis. Desta forma, a estação ferroviária foi fechada, deixando de gerar vários empregos na comunidade, as consequências do fechamento da estação ferroviária foram mais drásticas do que se poderia imaginar, pois sem emprego, muitos que trabalhadores acabaram tendo que sair para buscar oportunidade de trabalho em outros lugares, gerando assim um enorme êxodo rural.

Essas lembranças de processos vividos pelos depoentes da comunidade de São Sebastião são fundamentais, no âmbito do fenômeno social. A compreensão de Halbwachs de que a memória coletiva influencia e determina as memórias individuais, uma vez que estas se constituem a partir de estruturas sociais mais amplas (FÉLIX, 2004,). Sendo assim, qualquer experiência individual, desta forma, só é possível a partir do que se chama de quadros sociais da memória, ou melhor, da antecendência destes quadros sociais.

Para Santos (1998), em Halbwachs a construção das memórias se dá através da participação dos indivíduos em grupos sociais determinados,

delimitados espacial e temporalmente, e que as memórias participam de um contexto social onde se está contido e que é pretérito. Além disso, “a memória é adquirida na medida em que o indivíduo toma como sua as lembranças do grupo com o qual se relaciona, um processo de apropriação de representações coletivas por parte do indivíduo em interação com outros indivíduos” (SANTOS, 1998, p. 5-6).

Para Lavabre (2006, p, 37) é primordial que o local da produção das memórias seja identificado como forma de se fugir da instrumentalização do passado. Para a autora, as representações individuais do passado, são as recordações, mesmo que estas não sejam compartilhadas, o que justifica que se use a noção de memória

Desta maneira, o entrevistador ao aguçar a memória do entrevistado, fazendo com que ele narre certos fatos através de uma conversa sem perguntas prontas, fazem com que realidades heterogêneas sejam pensadas conjuntamente. Conjunto este que se refere à memória histórica.

a memória coletiva da memória histórica está fortemente condicionada por ela Relacionada à memória, a história monumental reforça a coesão e a continuidade através dos tempos, ao ignorar a realidade individual do passado, desta forma, a História é, contudo, seu maior patrimônio. (LAVABRE, 2006, p. 44).

Dessa forma, a história tradicionalista vai sempre reconhecer a dívida com o passado, e com suas origens. Segundo Lavabre (2006, p. 35) esta última é o que seria hoje chamada de “memória”, principalmente aquela relacionada com museus, com monumentos etc.

Assim, as ideias de Halbwachs sobre a antecedência de quadros sociais da memória e da existência de lugares físicos da memória coletiva permitem compreender que “há aspectos inerentes às memórias ou identidades coletivas que estão fora do alcance tanto da capacidade reflexiva do ator social como das lógicas inerentes às construções simbólicas a que temos acesso” (SANTOS, 1998, p. 3)

E, retornando a Lavabre, (2006, p, 37), a recordação individual é quem autoriza a utilização da memória como ponto de partida para a investigação do passado.

As narrativas caracterizam-se como ferramentas não estruturadas, pretendendo aprofundar-se em aspectos específicos, a partir dos quais irão emergir histórias de vida, tanto do entrevistado quanto do entrevistador. Esse tipo de entrevista pretende incentivar e estimular o sujeito entrevistado a contar algo sobre algum acontecimento importante em sua vida e do contexto social. Tendo assim, como base, a ideia de reavivar as memórias sobre acontecimentos sociais a partir do ponto de vista dos entrevistados, o entrevistador deve ter a mínima influência nas

narrativas. Nesse caso, deve-se empregar a conversação cotidiana onde se pode contar e escutar histórias.

Jovchelovich e Bauer alertam também para a importância de o entrevistador utilizar apenas a linguagem que o entrevistado utiliza sem impor qualquer outra forma, já que o método presume que a perspectiva do entrevistado se revela melhor ao usar sua linguagem espontânea. Essas asserções se encontram na compreensão de que a linguagem empregada constitui uma cosmovisão particular e, portanto, é reveladora do que se quer investigar. Jovchelovich e Bauer (2012, p. 91).

Dessa forma, nas entrevistas narrativas existem importantes características colaborativas, uma vez que a história surge a partir da interação, da troca, do diálogo entre entrevistador e entrevistado. Lukács (1965), ao discutir a transformação da literatura ao longo do tempo, discorre sobre o contraste entre os princípios da estrutura da composição da narrativa e da descrição a narrativa implica na posição de participação assumida pelo escritor perante os fatos vividos e dos problemas da sociedade. Desta forma, existe o engajamento entre os interlocutores. Sendo assim, a descrição se relaciona com a observação, de desvelamentos do fato por si só, sem necessariamente, provocar interfaces entre o fato e os sujeitos a ele pertencente, na conjuntura do discurso. Sendo assim,

Benjamin considera que no processo narrativo o sujeito encontra-se envolto em uma série de eventos e acontecimento evocados, ao passo que na descrição, o mesmo se encontra apartado do relato que adquire uma dimensão mais objetiva, descritiva e observacional. (BENJAMIN, 1975, p.63).

Desta forma, a transformação da literatura, que permite contrastar narrativa e descrição, está relacionada com modelo social de cada época. As singularidades se alteram de acordo com necessidades histórico-sociais, sendo um produto da evolução social. Isto não quer dizer que o novo é melhor que o antigo. A tendência a observar e descrever implica na perda da significação artística das coisas, rebaixando os homens ao nível das coisas inanimadas, chegando a ser inumano.

A descrição é caracterizada como a tendência literária da segunda metade do século XIX e caminha junto com o capitalismo, sendo seu resquício. Gradativamente, a descrição elimina a troca entre a práxis e a vida interior, estas que são características de uma narrativa. A superficialidade é uma característica da descrição, não despertando assim, interesses mais profundos. O excesso de explicações sobre as coisas do mundo faz um contraste da narrativa com a informação. A narrativa é uma forma simples de se comunicar, sendo assim, não

tem intenção de transmitir informações, mas asserções a partir das quais as experiências possam ser transmitidas.

Dito isto, Benjamim (1975, p. 63-82) tinha como seu conceito central as experiências, e como expressão delas as narrativas que para ele seriam a forma de comunicação mais adequada ao homem. Neste sentido, o estilo dos textos produzidos torna-se enriquecidos pelas tramas das narrativas, ficando assim, mais fluentes bem mais próximos da literatura, mas além de tudo, ajuda-nos a refletir sobre questões que dizem respeito ao meio como um todo. Dessa forma, durante as narrativas o autor não informa sobre suas experiências, mas conta sobre elas, tendo assim, a oportunidade de refletir sobre algo que ainda não havia parado para pensar.

Uma narrativa fomenta nos ouvintes diversos estados emocionais, e, tem a característica de sensibilizar e fazer o ouvinte assemelhar as experiências de acordo com as suas, evitando assim, maiores explicações e abrindo assim um leque diferentes possibilidades de interpretação, não no sentido lógico de investigar de fora, como observador neutro, mas a interpretação que envolve a experiência do entrevistador e do entrevistado no momento da entrevista e as experiências anteriores de ambos, transcendendo assim, o papel destinado a cada um deles. Seguindo essa linha de raciocínio, as considerações de Lukács, (1965, p. 50) e Benjamim, (2002, 75-78), indicam a opção metodológica em que se utiliza a técnica de entrevista narrativa quando trazem à tona elementos teóricos necessários para a interpretação dos resultados obtidos. Tendo em vista que os grandes processos são formados por ações individuais, a partir da técnica de entrevistas narrativas podemos evidenciar aspectos desconhecidos ou obscuros da realidade social a partir de discursos individuais.

Nesse sentido, a possibilidade de narrar um fato vivido ou transmitir ao outro sua experiência de vida, torna a vivência que é finita, infinita. Dessa forma, a narrativa pode se enraizar no outro. Sendo assim, a narrativa é fundamental para a construção da noção de coletivo. A forma oral de se comunicar re-significa o tempo já vivido, as coisas da vida, e concomitantemente a ela, ressurgem assim, o passado histórico do indivíduo a partir de suas memórias. Assim uma das funções da entrevista narrativa é cooperar com a construção histórica da realidade e a partir do

relato de fatos do passado, promover o futuro, pois no passado há também o potencial de projetar o futuro.

Nessa perspectiva, o recurso da narrativa coincide com a perspectiva de movimento, no sentido teórico, pois através dela é possível conseguir novas variáveis, questões e processos que podem conduzir a uma nova orientação da área em estudo. Ressalta-se ainda, que os relatos orais são valorizados porque não são encontrados em documentos.

4 CONVERSAS – MEMÓRIAS E HISTÓRIAS

Nesse momento são apresentadas na íntegra as conversas com os personagens dessa pesquisa, personagens que são protagonistas do resgate das memórias e histórias da vila São Sebastião. Cabe ressaltar que a opção pela apresentação na íntegra das conversas se deve pelo foco do trabalho, pois quem melhor para contar suas histórias e regatar memórias do que os próprios moradores da vila? Sendo assim, apresentam-se as conversas.

Conversa 1 – esta conversa deu-se na residência do personagem¹, que fica localizada na Rua Januário Ferreira, mais conhecida aqui na comunidade como Rua do soco.

Narradora: Conte-me, como funcionava o embarque e desembarque de pessoas na estação ferroviária?

Personagem: Na estação, ficava todo o tipo de mercadoria que vinha no trem, o gerente (o senhor Forni), era responsável pela distribuição das mercadorias que vinham para cá. As mesmas eram distribuídas de carroça para os comércios de toda a região. Do outro lado dos trilhos ficava uma galpão onde eram depositados soja, milho e trigo, que depois eram carregados nos trens, para seguirem para lugares que eu não sei te dizer com precisão.

Os passageiros que desciam do trem, tomavam café com bolo frito, que eram servido pelo esposo da dona da pensão (senhor João do café), que ficava localizado á esquerda da estação, do outro lado da rua. Aqui na vila tinha hotel, ali bem pertinho da estação, onde as pessoas que vinham de fora passavam a noite para

¹ Optou-se pelo uso do termo personagem pelo fato das pessoas com que conversei não serem sujeitos de pesquisa, mas serem pessoas que tornaram as memórias da vila de São Sebastião vivas e carregadas de significados.

poder pegar o trem no outro dia. Aqui na vila, minha filha, tinha tudo, agora não tem mais nada!

Narradora: O cartório de registros, ficava onde?

Personagem: O cartório de registros ficava no outro lado da vila, onde mora a Zoila hoje, depois pegou fogo. Aqui na vila tinha muita coisa, aqui tinha, pra principia, o hotel do finado Leoncio, era um hotel muito grande, tinha lugar pra comer, pra dormir, pra tudo, era um hotel muito grande ali. Comércio, ali onde mora o Ariosto, tinha uma venda muito bem surtida, de frente o Ariosto, onde mora o Mico, tinha uma venda também bem forte do Rui Sapper, ali na esquina onde mora o André, era a venda do findo Osvaldo, outra venda muito forte também, pra direita, era o colégio, (o colégio era uma mansão), professora pra Dar palmada no cara tinha bastante. No tempo do piolho, existia muito piolho naquela época, elas tinham uma coisa comprida, parecia uma bacia, eles colocavam a cabeça da gente de molho, (acho que pra matar os piolhos afogados).

Narrador: O senhor chegou a estudar?

Personagem: Muito pouco, mas a gente não aprendeu a ler direito de tanta fome!

Narrador: Tinha fome?

Personagem: Uma pobreza triste, nós era nove filho e um casal de véio. Hoje em dia não existe miséria, hoje tá tudo enterrado na fartura.

Narrador: Apesar de plantarem em casa, tinha fome?

Personagem: A gente lambia uma bolacha, que chegava a sair sangue da língua, umas bolachas redondas duras que pareciam umas pedras. Bom dobrando o Vitinho ali, tinha o Laurindo, que era outro comércio, pra te encurta conversa: aqui tinha barraca de couro, aqui tinha duas bombas de gasolina, uma ali onde mora o Trajano e outra ali onde mora o Ederson, bomba manual de gasolina. Aqui tinha tudo que tu precisasse, ali onde mora o Ederson, ali tinha um mercado, mas mercadão do João Machado, ali tu levava o que tu queria, podia ir com um cavalo só com uma corda que saia encilhado de lá; e tecido e comida, e ferragem e panela, tinha tudo. Aqui era muito forte a vila. Depois que parou os trens passageiros se terminou tudo, o pessoal começou a ir embora pra cidade, uma judiaria, porque de noite a na estação de trem era um fervor de gente, embarque e desembarque de passageiros, que vinha de Cacequi, Dom Pedrito, Livramento, Bagé, e outros lugares que me falta a memória agora. Cansei de pegar mala ali, no tempo da pobreza que a gente não

tinha nem o que comer, trabalhavam ali também o Tibica o Tianga, essa gurizada tudo, de noite a hora de trem, fervia de gente peleando pra carregar mala.

Tudo isso aconteceu na década de 50 por ai, eu sou de 39, tinha muita guria bonita aqui, e dava cada buchicho por causa de guria. Tinha a casa das gurias também... funcionava como baixada, quem queria se divertir ia pra li. (risos) O cara ia pra lá e retoçava a noite inteira com as gurias (risos).

Narrador: E o futebol? Eu soube que tinha um time de futebol!

Personagem: Tinha dois times, tinha o botafogo e o aliança, era como grêmio e o colorado, eram inimigos, a sede do aliança era na casa do gentil, o botafogo, eu não me lembro, mas era por ali. Um dia o Bagé veio jogar aqui. O Bagé era um time forte, e perdeu pra esse time daqui. Naquele tempo as mulheres peleavam ai na torcida, a Marieta, a Laura tua parenta brigavam tipo bicho. (risos). Quase todos os domingos saia jogo na vila.

Eu nasci aqui na vila, estou com 79 anos, e vou morrer aqui, não saio daqui se Deus quiser, porque aqui pelo menos estamos tranquilos. Agora essa geração nove tem muita coisa pra ver ainda, e muita coisa boa que deixou de ver.

Tu sabe, eu senti muito quando o Angenor me tomou a namorada, a Irani, eu namorei ela por oito anos, tirei licença do pai de criação dela, visitava ela e tudo. Quando chego um dia ele bem sentado no costado dela, ué, ta me tomando a namorada? Tchê...Ela me quis. Então fica com ela, tchau pra vocês, e casou com ela.

Em síntese o que fica dessa conversa são as memórias, relatadas de maneira leve e descontraída, porém, a maneira como o personagem relata a história de sua vida despertou-me uma incrível curiosidade, de saber mais sobre a época em que o personagem narra a história da vida dele, os costumes da época, a forma de vida enfim, como se vivia naquela época. Esta talvez seja uma tarefa para outra oportunidade, quem sabe outro artigo sobre a comunidade.

Conversa 2 – Esta conversa aconteceu por acaso, em uma parada de ônibus, aqui mesmo na comunidade.

Narradora: O senhor poderia me ajudar com suas memórias na construção de meu TCC?

Personagem: Claro, essas conversas sempre são boas, porque a gente sempre cata alguma coisa. Por exemplo: eu sou nascido na antiga rua das flores, bem

pertinho das correntes, ali onde é a casa da Margarete hoje. Tu sabes guria, ali tinha rua!

Narrador

-Há tinha outra rua ali?

Personagem: Sim, sim, a rua sai ali nos trilhos, bem na casa que hoje é do Gudi, tu sabe que as casas da viação férrea, vinham de lá daquela chave perto da ponte até aqui passando as correntes.

Narradora: Ah tinha mais casas ali?

Personagem: Sim, aqui eram três turmas de ferroviários, se eu não me engano ali onde tu mora tinha a turma um, pra cá na rua das flores tinha a turma dois, e lá pra trás da chave de perto da ponte tinha outra, ali onde tinha os trilhos que passava o trem passageiro que ia para Livramento e Dom Pedrito.

Narradora: Sim eu lembro quando estavam desmanchando aquele pedaço ali!

Personagem: Isso, quando desmancharam ali tu era pequena. Mas tinha três turmas aqui, isso aqui era muito povoado, aqui o que fizeram mal, foi tirar os ferroviários daqui, se não fosse isso, isso aqui hoje seria muito grande, tinha muita gente aqui na vila naquela época!

Narradora: Me conte um pouco sobre a estação!

Personagem: Há ali tinha tudo, tinha trem passageiro, teve até trem minuano aqui, tu sabia?

Narradora: O que era o trem minuano?

Personagem: O TREM MINUANO era um ônibus desses bem grande fretado!

Narrador: É? Eu não sabia!

Personagem: (risos), claro, pergunta pra alguns que regulam comigo de idade pra ti ver, eu não sei te dizer se ele era direto a Rio Grande, ou como era; Tu soube que também aquele presidente da república, Jânio Quadros, andou aqui; e o Ildo Meneghetti, aquele governador do estado, também andou aqui, se eu não me engano o Ildo Meneghetti veio de minuano pra cá, eles traziam uma caravana muito grande.

Agora o Jânio Quadros veio nesse trem passageiros especial. Fez discurso ali na estação.

Narradora: Tudo isso no tempo que a estação era o centro de tudo aqui na vila, tinha restaurante ali né?

Personagem: Claro, claro, ali concentrava tudo, por exemplo, vinha uma turma de gente de trem e se juntava tudo ali, do hotel do finado Leôncio ao recinto da estação. O hotel era bem forte, ali se fazia baldeação, o pessoal que vinha no trem do lado de CACEQUI, pernoitava ali, no outro dia tinha às seis horas da manhã, tinha um ônibus que tinha o apelido de rainha. Ele parava aqui e o pessoal seguia viagem nele. Eu carreguei muita mala dos caras, a maioria que posava no hotel era cacheiro viajante; e eu e meu irmão trazíamos as malas deles, para a parada de ônibus, que era bem aqui onde a gente está sentado hoje.

Narradora: O seu Fuia, me falou que carregava malas também.

Personagem: Ah pois é, ali tinha muita gente que changueava, eles pegavam as malas dos passageiros que posavam no hotel, pegavam daqueles que pegavam esse ônibus de Porto Alegre, e outros que iam no trenzinho que ia para Dom Pedrito e Livramento, era muito movimentada essa vila nessa época!

Narradora: Isso sem falar, nas cargas de trigo, milho e soja né?

Personagem: Ah, não, mas aquilo teve... teve a Cooperativa ali do outro lado dos trilhos, por que era assim, essa menina. Os que colhiam depositavam ali, e depois carregavam para Lavras, de lá não sei pra onde ia, eu sei que o depósito era em Lavras.

Narradora: E a escola seu Ladi? O senhor estudou na escola Risoleta?

Personagem: Não, no meu tempo não tinha o Risoleta ainda. Aquela escola foi criada no governo do Brisola, foi o Brisola que mandou fazer aquela escola ali, mas antes aqui tinha o Grupo Escolar Torquato Severo, era um casarão grande que tinha aqui, bem onde é a prefeitura hoje, porque tinha junto com o colégio a delegacia de polícia, e a prefeitura, era tudo junto no mesmo casarão. Pra ti ver como era grande o prédio, que a escola funciona do 1º ao 5º ano.

Narradora: E era grande a vila naquela época?

Personagem: Bah, era enorme, vinha gurizada para o colégio de tudo que era lado, mas vinham a pé e a cavalo, naquele tempo não tinha locomoção como tem hoje, ali perto do seu Quido Leite, tinha uma gurizada que vinha a pé todos os dias para a escola. Aqui já foi muito mais crescido, hoje está totalmente diminuído, mas o que foi isso aí?... isso é as metas novas que os governos tem que vão derrotando os lugares, se tivesse ficado o trem de passageiro conforme era, bah ta loco, isso aqui seria um baita centro hoje.

Narradora: Que judiaria terem terminado com a rede ferroviária!

Personagem: É, e tu sabe que foi aonde eu arrumei alguma coisa, naquelas épocas, por que quando entrou um governo que mandou trocar os trilhos que eram finos, por uma bitola mais larga, bueno em seguida que trocaram as linhas que tinha pouca capacidade por uma de maior, o governo mandou tirar que os dormente não poderiam ser mais de madeira, tinha que ser de cimento. Foi nessa época que eu ganhei troco, eu já tinha comércio, mas era boteco, ai quando veio essa firma pra cá ai sim eu cresci; eu comecei a fornecer a todos eles todos. Tu vê eu fornecia a CAMARGO CORREIA, a CBI, uma tal de PEDRO CAMPOS DE CAMPOS, essas eram garantidas, e tinha mais aquelas terceirizadas, aquelas que botavam essa porquerinha... essa graminha na beira da linha, mas vendia também, tinha uma tal de MARTINS que se instalou aqui na vila, que ficava ali onde morava o finado BENTO, em fim, me entrava dinheiro que vou te dizer guria, tu nem sabia da onde caía (risos, muitos risos).

Narradora: Mas que pena que tudo se terminou.

Personagem: Olha, só pra ti ter uma ideia, quando eles vieram para cá, eu tinha 15 botijões de gás, quando eles foram embora, eu tinha 300, mas vender pra quem, quando a firma foi embora terminou-se o comércio (risos). Bueno, fui tentar vender pra Bagé, e não consegui me acertar com nenhum dos que compravam, ai um cara me arrumou negócio para vender para o Uruguai, o caminhão veio aqui na minha casa buscar, eu dei uma comissão para o cara que me arrumou negócio, e não deu uma semana um castelhano encostou na frente da minha casa e carregou os botijões.

[...]

Narradora: mas já pensou, ele começou com uma mesinha bem pequenininha, e transformou a venda em um baita de um comércio....

Personagem: É, mas cresceu depois que ele foi pra lá, (onde hoje é a residência atual da família), porque ali na esquina onde é a casa do Belmonte, era só uma pecinha que dava pra ele e uma mesinha e uma cadeira pra ele sentar. Tu queria comprar as coisas dele, mas tu ficava na porta quase no lado de fora, mas ele tinha alguma coisa de mercadoria. O seu Olinto trabalhava em uma firma de minério que teve aqui na vila também, ele não sabia nem ler, quem ensinou ele foi a dona

Bárbara, ela ensinou ele com a Cartilha, sabe aquelas cartilhas que vinham antigamente?... Pois é, foi com aquelas cartilhas que ele aprendeu a ler.

Tu sabe, guria, o seu Olinto cresceu por merecimento porque ele tinha muita força de vontade e era trabalhador, tu vê ele formou os filhos todos, só com o comercio dele, e os filhos dele também aproveitaram muito, tu vê, o Orlando virou advogado e engenheiro, a Verinha se formou professora, uma pena aquele guri o Orli ter morrido tão cedo por causa da AIDS e essa outa a Tetê ser doente (ela tem síndrome de Down). Mas os outros dois mereceram, porque também eram esforçados e passaram muito sacrifício.... na minha época tinha muito sacrifício. Mas tinha uma coisa, a gente era pobre, mas quem trabalhava.... tu não passava bem, mas comia, comia o arroz, comia o feijão, pra comer dava.... outra coisa que se dava, a família era grande, nós mesmo, éramos 10, tu vê as famílias eram grandes, então depois que a gente cresceu, um ganhava uma coisinha, outro ganhava outra, e formava a comida para a panela, nem dependia muito do pai, porque o meu pai vivia sempre em estancia, meu pai domava e trabalhava em fazenda. Tu sabe qual é o problema da família, é quando ela é pequena, eu digo, pequena na idade, porque depois da criança ter uma certa idade, 8 ou 10 anos, pronto, ele já esperneia.

Há os caras às vezes me chamavam pra m mandar fazer algum serviço e já diziam, olha não tenho dinheiro pra te pagar! – não tem problema, me dá uma cozinhada de feijão, ou naquela época se socava canjica, e davam canjica socada pra gente, já era de grande ajuda, pra nós era dinheiro também .

Narradora: O senhor sabe, eu cheguei a trabalhar assim também, não por comida, mas por roupa e calçado, a mãe me mandava trabalhar com elas e em troca elas me vestiam e me calçavam.

Personagem: Pois então, de qualquer maneira era uma ajuda, e tu vê, tu já é de uma época mais avançada, mas existia essa troca ainda nas famílias mais pobres. Na nossa época tinha muita dificuldade, mas tem uma coisa, hoje em dia tu vê muito desses guris ai com 10, 12 anos que não sabem fazer nada, tu vê, eu tinha 13, 14 anos e já puxava lenha pra fora do mato de carreta, meu patrão tinha duas juntas de boi e duas carretas, e vendia lenha pra Caieira Bageense, que queimava pedra pra fazer cal, naquela época se trabalhava, mas hoje tu vê muitos guri que tão criados e tão mamando no velho. (risos).

Ao final desta conversa, percebe-se nitidamente o amor do personagem pela comunidade, e o orgulho de ter conseguido obter sucesso financeiro às custas de muito trabalho no local onde nasceu e se criou, porém, vem à tona um costume local que se estende até os dias de hoje na referida comunidade, que é o trabalho em troca de favores, ou seja, os jovens de famílias menos favorecidas da localidade, em sua maioria costumam trabalhar para pessoas mais abastadas em troca de um pedaço de carne ou pastoreio para sua vaca leiteira ou cavalo e assim sucessivamente.

Nestes casos parece que o trabalho acaba sendo uma forma de alienação na comunidade de São Sebastião, pois para alguns sujeitos da comunidade essa forma de trabalho é completamente normal, visto que em seus pensamentos “uma mão lava a outra”. Desta forma, o trabalho torna-se exploratório, pois quem tem mais, aproveita-se de quem tem menos, poupando assim mão de obra; pois para que pagar se tem quem faça o serviço em troca de alguns favores.

Esta forma de trabalho relatada pelo personagem, e que persiste até os dias de hoje na comunidade, está longe de ser vista na forma de trabalho como princípio educativo, pois, a relação entre trabalho e educação, vem para afirmar o caráter formativo do trabalho e da educação, como ação de humanização por meio do desenvolvimento das potencialidades do ser humano.

Conversa 3 – Esta deu-se na residência do personagem, onde no local o mesmo tem anexo seu pequeno comércio.

Narrador

- me conte sobre as lembranças de tua infância aqui na comunidade.

Personagem:

- o que eu posso te falar... Quando eu paro pra pensar, a primeira coisa que me vem na cabeça é o colégio, quando eu era guri tinha muito mais de cem alunos no colégio, hoje nem sei quantos tem, tu deve te lembrar, pois nós temos mais ou menos a mesma idade.

Narradora: sim, sim, lembro!

Personagem: E olha que no nosso tempo não tinha transporte escolar, era uma de guri que vinha de cavalo dessas estancias da volta da vila pra estudar no colégio para estudar no risoleta. E que tempo bom era aquele, eu me lembro que uma vez por mês vinha o caminhão da UMIT, eles passavam uma semana na escola nos

dando aulas de Técnicas Domésticas, Técnicas agrícolas, Técnicas industriais e Técnicas comerciais. A gente tinha aula de manhã e de tarde, durante toda aquela semana, todo mundo aprendia de tudo um pouco, eu me lembro que até pão a gente aprendia a fazer. Tu te lembra do tratorzinho agrária que eles traziam no caminhão?

Narradora: Lembro sim, eu adorava que eles deixavam a gente dirigir.. (risos)

Personagem: pois é, que pena que terminou isso, mas a vila se terminou mesmo depois que privatizaram a rede ferroviária, tu vê, aquele mundo de gente que tinha na estação, quando botaram eles pra fora, foi tudo se embora.

E outra coisa, naquela época cada casa tinha quatro, cinco filhos, hoje em dia tem no máximo três, por que tu vê, a população da vila diminuiu, mas o número de casas continua o mesmo, e as casas estão todas ocupadas. Tché tu vê, aqui na vila mais morre gente do que nasce. E outra coisa, pra cá ninguém vem, se mantem a gente que era daqui já, antigamente no tempo da rede ferroviária e quando esse colégio era grande, volta e meia se mudava uma família pra cá, agora ninguém quer saber de vim pra cá. Muito pelo contrário, o pessoal quer é sair daqui, porque tirando essas granjas aqui da volta, não tem mais emprego, as estancias praticamente se terminaram com a chegada dessas granjas, e as que sobram tem um ou no máximo dois peões.

Narradora: O que tu me diz sobre a expectativa de vida da população aqui da vila? Tu acha que melhorou ou piorou?

Personagem: Olha eu acho que melhorou muito, tu vê, quando nós era criança dava pra contar nos dedos as pessoas que tinham carro aqui na vila, olha só quem tinha carro aqui era, o Adair, o Gudi, o Zequinha e o meu vô que uma vez teve um fusca, vermelho e depois vendou pro Gudi.

Narradora: Há sim, eu lembro que seu Artigas tinha um fusquinha mesmo, mas me parecia que era azul.

Personagem: Não, azul era o do Gudi, depois disso o vovô teve uma Brasília também, e agora hoje em dia tu olha, todo mundo tem carro no soco. Tu sabe que outra coisa que eu me lembro era da gente ter que lavar as tripas das vacas com limão pra poder fazer linguiça pro açougue, e tinha que encher de bomba aquelas tripas, mas vai toma banho (risos).. tu esfregava as tripas com limão, tirava pra tirar bem as bostas, e depois quase morria soprando aquilo de bomba, mas tchau, (mais risos)..

Hoje tem mais facilidade pra tudo, mas só o que acontece... é o estilo de vida é mais caro né. Sabe do que eu tenho saudades também?.Das corridas de carreira, que tinham aqui na vila, eu me lembro dos jogos de osso, nos intervalos das carreiras, era bom aquele tempo.

Depois dessa conversa, não pude deixar de fazer uma comparação entre o personagem 3 e os personagens 1 e 2. Pois, apesar de ser bem mais jovem que os dois primeiros personagens, este tem praticamente o mesmo pensamento, pois, acredita que a vila está em plena decadência, e afirma que este local já foi bem mais evoluído. Este ponto me leva a refletir, sobre o que seria evolução para os sujeitos da comunidade de São Sebastião, sendo que ao meu modo de ver, evolução é um processo de mudança constante na vida de todos os seres humanos, e acredito que a comunidade evoluiu em muitos aspectos.

Apesar de muitas pessoas terem que sair da referida localidade em busca de melhores condições de vida, a comunidade teve sua evolução em relação a tecnologia, e quanto as pessoas que continuam no local, pode-se dizer que a maioria tem condições favoráveis de sobrevivência, pois a maioria possui carro, tv a cabo, celular, internet banda larga, enfim para mim tudo isso é uma forma de evolução.

Conversa 4 – A conversa com o 4º personagem de minha pesquisa também aconteceu em sua residência, este personagem é muito conhecido e respeitado em nossa comunidade por ter dado seguimento aos negócios do pai, um senhor muito admirado por todos nós aqui da comunidade.

Esse Senhor era um artesão de mãos cheias, e seu filho herdou seu dom e expandiu o negócio da família, tirando dali o sustento da mesma.

Narradora: Me conte por favor o que tinha aqui na vila no tempo da juventude.

Personagem: O que tinha...os trem passageiros, eu ainda cheguei a andar de trem passageiro, para Dom Pedrito, uma vez eu fui na Hulha Negra também no trem, mas em seguida já tiraram, porque eu me lembro que nessa época já tinha a estação nova, durou pouco tempo o trem depois que fizeram a estação nova. A época que eu mais ví gente nessa vila, foi quando estavam refazendo toda a linha nova, tinha gente de tudo que era lado, era jogo de firma.

Uma lembrança boa que eu tenho da vila, é de quando o finado Epitácio era funcionário da prefeitura, ele arrumava essas ruas tudo de carroça, e as ruas eram

perfeitas, eram muito boas, bem cascalhadas, ali na frente da casa do teu pai tinha uma porteira, deve ter o sinal ainda, ele fazia a volta e pegava brita lá nas caixas, para aterrar a rua da ponte, mas muito bem feito o serviço dele, é claro que naquela época também não tinha grandes trânsitos, e tinha outra coisa, ali aonde era a casa dele ele fez tipo de um porteirão, e tinha autorização do prefeito para fechar a rua da ponte dia de chuva, as vezes se formava uma fila de caminhão que tinha que carregar gado, e ele não deixava passar. (risos). Bah os estancieiros ficavam loucos com o Epitácio véio.

Narradora: E da escola, tu tens alguma lembrança?

Personagem: tchê, da escola quando eu sai dali tinha jogo de aluno, e me lembro que poucos professores, e o ensino era bem melhor, olha acho que se não me engano eram cinco ou seis professores no máximo, e a dona Terezinha que era a diretora, eu me lembro que tinha o caminhão da UMIT, que vinha todo o mês pra cá, e a gente aprendia muita coisa com eles, tu vê aquele pracinha ali da escola foi feita pelos alunos junto com os professores da UMIT, foi se não me engano foi em 79 ou 80. A UMIT, funcionava como uma escola técnica, bah eram muito boas aquelas aulas, eles ensinavam de tudo para gente.

Tinha muita gente aqui na vila na época que eu era guri, tu vê tinha os pontos de encontro das gaviãs... a gaviã da estação se encontrava na plataforma, a do soco e da rua principal era no calçadão do Belmonte, e a da ponte se misturava um pouco ia pra estação e o outro ia pro calçadão. Tchê e outra coisa, a quantidade de gente que se juntava nos bailes do centro comunitário, os ranchos da semana farroupilha, a gente amanhecia nas rondas crioulas, hoje em dia não tem mais nada. Os desfiles da semana farroupilha eram grandíssimos, me lembro que teu pai e o finado Alvorí estavam sempre envolvidos na organização dos desfiles.

Uma judiaria... aqui na vila tudo no geral decaiu, eu sinceramente tenho saudade da minha juventude aqui na vila.

As lembranças deste personagem se entrelaçam com as lembranças dos outros personagens, pois ele relembra que fez uma das últimas viagens no trem passageiro, que logo em seguida se extinguiu da comunidade, e também tem em sua mente as memórias de acontecimentos mais recentes, na comunidade.

Eu entendo que estas lembranças são de suma importância para os personagens, pois através delas eles conseguem manter vivo dentro deles o amor pela localidade, além de rememorar uma das melhores fazes de suas vidas.

Em síntese...

Ao ser instigado a reavaliar as memórias de sua infância e juventude na comunidade de São Sebastião, o personagem relembra que estação ferroviária foi um grande ponto de referência da comunidade, pois o local servia como ponto de embarque e desembarque de passageiros, carga e descarga de grãos e todo o tipo de mercadoria para abastecer a comunidade. Além de ter anexo no local um restaurante, onde pela manhã era servido café com bolo frito aos passageiros, segundo ele os proprietários dividiam os afazeres, a senhora fazia o café e os bolinhos e seu esposo que era chamado de João do café, era quem servia a clientela.

Ele descreve como com muita clareza os estabelecimentos que tinham na época na comunidade o local em que cada um ficava, o mesmo conta como os estabelecimentos da época eram muito bem abastecidos, existia todo o tipo de produtos desde gêneros alimentícios até ferragens e tecidos para confecção de roupas que naquela época eram confeccionadas pelas donas de casas para seus filhos e esposos, também relembra do cartório de registros que ficava localizado no lado norte da comunidade, local este que foi incendiado pelo proprietário que era alcoólatra,

O personagem¹ relembra com alegria dos bailes que saíam na comunidade; segundo ele, tinha muita guria bonita na vila. Uma curiosidade os bailes eram separados. Existia o baile dos brancos e o baile dos negros, segundo ele, no baile dos brancos negro não entrava e vice versa.

Ao ouvir o entrevistado falar sobre a escola, notei uma certa tristeza, em seu olhar, o mesmo conta que a escola era uma mansão, que as professoras eram enérgicas, pois batiam nos alunos com a palmatória, porém realmente vi tristeza em seu olhar quando lhe perguntei por quanto tempo o mesmo tinha estudado; ele me respondeu que estudou muito pouco, pois em sua infância o mesmo passou muito fome, ele salienta que a família era muito grande, e que os pais tinham que dar uma

ajuda para o colégio para manter os filhos na escola (uma espécie de mensalidade), dessa forma, não foi possível estudar por muito tempo.

Á exemplo do personagem 1, o personagem 2 também mostrou-se nostálgico ao lembrar sua juventude aqui na comunidade, pois conta que nasceu na casa em que sua família residia, em uma rua que hoje é extinta, ele conta que esta rua ficava localizada na entrada da comunidade e fazia ligação com a viação férrea, que durante sua adolescência chegou a ter três turmas de trabalhadores.

Ele lembra que existiam grandes comércios na comunidade, pois eram abastecidos com mercadorias que chegavam em trens, os mesmos que traziam passageiros também traziam os mantimentos para abastecer o comércio local. O personagem 2 conta que na época, além do trem normal, existiam mais dois tipos de trens passageiros, o trem expresso e o trem minuano, ele lembra ainda com muito orgulho que por aqui já passaram personalidades políticas como o ex presidente da República Jânio Quadros, e o também ex governador do Estado Ildo Meneguete, segundo ele, o Presidente Jânio Quadros, na época discursou para um público muito grande, na estação ferroviária, antes de seguir viagem.

O personagem 2 lembra que a estação ferroviária era o grande polo de encontro na vila, pois ali se concentrava tudo, hotel, restaurante, estação para venda de bilhetes ferroviários, pertinho dali também tinha uma pensão; segundo ele os passageiros que chegavam de Cacequi, pernoitavam no hotel ou na pensão, para que no outro dia pudessem pegar um ônibus denominado “rainha”, logo cedo, por volta das 6 horas da manhã. Ele conta que na maioria das vezes quem pernoitava na comunidade eram os caixeiros viajantes e, ele e muitos outros rapazes que residiam aqui na comunidade naquela época é quem carregavam as malas destas pessoas, ele ainda conta que eles sempre tinham uns trocados, pois o fluxo de passageiros era muito grande, embarcava e desembarcava gente dos trens passageiros á todo o momento, pois além das pessoas que pegavam o ônibus logo cedinho em direção a Porto Alegre, também tinha o “trenzinho” que transportava o pessoal para as cidades de Dom Pedrito e Santana do Livramento. Ele também salienta que além dos passageiros tinham as cargas de mantimentos que chegavam de trem para abastecer a comunidade, e segundo ele, também carregou e descarregou muito vagão de grãos que ficavam armazenados em um paiol grande,

uma espécie de silo, ali os grãos ficavam protegidos do rigor, até serem carregados novamente para seguir viagem até a cidade de Lavras do Sul, o mesmo diz não ter bem certeza do destino que era dado aos grãos, mas diz que de Lavras as cargas seguiam para outro lugar.

Quanto a escola, o personagem 2 conta que estudou no Grupo Escolar Torquato Severo, que tinha sua sede anexada a sub-prefeitura e a delegacia de polícia, o mesmo diz que o prédio ficava localizado onde hoje ainda é a sede da sub-prefeitura, mas era muito grande e bem organizado, para que no local pudesse funcionar as três repartições. Segundo o personagem 2, como a vila era muito povoada naquela época vinha criança de todos os lados, e como não existia transporte escolar naquela época, vinham todos a pé, ou a cavalo.

Ele diz ainda que só conseguiu estudar porque desde muito cedo ele e os irmãos trabalhavam (faziam changa), no horário inverso da escola e, como o dinheiro era muito escasso naquela época, eles trabalhavam em troca de comida para ajudar no sustento da família, segundo o personagem 2 comida também era dinheiro naquela época, segundo ele essa troca de favores ajudava muito as famílias naquela época.

Eu particularmente acredito que ainda hoje, principalmente no campo exista essa troca de favores entre as famílias, pois, fazendo um regresso até o quinto semestre deste curso, quando o eixo teve como tema **O TRABALHO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO**. Ande o projeto objetivava uma melhor compreensão das diferentes formas de trabalho aqui comunidade, eu pude constatar que ainda existem jovens com condições menos favoráveis de vida que trabalham nas estancias em troca de pastoreio para cavalo, ou suas vacas, e dessa forma alguns donos de chácaras ou estâncias, economizam dinheiro, pois quando aperta o serviço, eles não precisam pagar um peão para ajuda-los. Voltando as memórias do personagem 2, o mesmo conta que a escola Risoleta foi implantada na comunidade na época do governo Sarnei, segundo ela *“quem trouxe o Risoleta para a vila foi o José Sarnei”*.

O personagem 2, lamenta que as gerações que vieram depois dele não tiveram a oportunidade de aproveitarem as vantagens que a ferrovia trouxe para a comunidade. *Aqui já foi muito mais crescido, hoje está totalmente diminuído, mas o*

que foi isso aí?... isso é as metas novas que os governos tem que vão DERROTANDO os lugar, se tivesse ficado o trem de passageiro conforme era, bah, ta loco, isso aqui seria um baita centro hoje.

Ele relata que foi nesta época que o mesmo “arrumou alguma coisa”, financeiramente, segundo ele, foi um pouco antes a linha de trens passageiros ser extinta. Pois após uma troca de governo, foi feito um acordo com os responsáveis pela manutenção dos trilhos e começou a troca de trilhos de uma bitola fina por uma mais grossa, isso fez com que o governo contratasse uma série de firmas terceirizadas para prestar serviços como troca de dormentes, replantar a área, e outra série de serviços. Essas firmas estalaram-se na vila, isso gerou um fluxo muito grande de pessoas, e ela aproveitou a oportunidade para aumentar seu estabelecimento comercial. Ele conta que vinham trabalhadores de Minas Gerais e Rio de Janeiro, e outros lugares que ele não lembra.

Para concluir, ele faz um relato de forma nostálgica, *“tu sabes guria, aquela gente das firmas deixou muito dinheiro aqui na vila, quem soube aproveitar fez alguma coisa, e quem não aproveitou...não aproveita mais (mais risos), mas eu graças a Deus segurei, e foi, tudo que eu arrumei, eu agradeço as firmas da Rede Ferroviária”*.

Perguntei a ele sobre uma curiosidade que tenho desde que eu era criança, que é saber qual a origem do apelido de um comerciante já falecido aqui da comunidade, o senhor Olinto (quebra logo), ele prontamente como se estivesse vivendo naquela época me relatou que o apelido surgiu, porque quando o comerciante casou-se, a sua sogra ofereceu-lhe uma peça que ficava em anexo a residência da família, só que a peça era muito pequena, a ponto de caber além das mercadorias, apenas uma mesa e uma cadeira, segundo o personagem, toda a vez que chegava um cliente, este pedia-lhe a mercadoria e ficava na porta esperando que o mesmo lhe entregasse, pois não havia espaço para entrar no estabelecimento. Daí o apelido “quebra logo” !

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de minha trajetória acadêmica surge o interesse em conhecer mais à fundo a história de minha comunidade, para isso foi preciso um resgate histórico das memórias de moradores da localidade. Foi possível entender melhor as histórias que

eu ouvia de meu querido pai quando ainda era uma criança, eu ficava imaginado como poderia de sido a comunidade da Vila De São Sebastião na época em que o transporte de passageiros funcionava a pleno vapor na ferrovia.

Dessa forma, eu preferi não só dar voz a experiência, mas também ouvir moradores um pouco mais jovens, mas que, também, sempre moraram na vila, escutar essas pessoas narrando suas histórias, como era a comunidade e o que tornou-se, me foi de grande valia para que eu possa entender o verdadeiro significado que tem valorizar o meio em que se vive. Ao ouvir o personagem 1 dizendo-me que irá completar 80 anos de idade e, apesar de hoje em dia existirem recursos suficientes que possam melhorar sua qualidade de vida (em relação a saúde), não pretende de maneira alguma sair do local onde mora, pois segundo ele, na Vila tem tudo que ele precisa para viver, me fez ter a certeza que a vida no campo é tão o mais importante que em outros lugares.

Na vila não se precisa de muito para viver, basta sabermos valorizar o local em que vivemos, e, procurarmos recursos e subsídios na própria terra para vivermos melhor, como disseram os personagens da minha pesquisa, não existe lugar melhor para criar um filho do que no campo, onde ainda existe a liberdade de ir e vir sem se preocupar com violência.

A pesquisa ainda mostra que apesar de todos os personagens demonstrarem um amor muito grande pelo local, eles infelizmente temem que a localidade venha a ruir, pois o êxodo rural é muito grande devido à falta de oportunidades existentes na localidade, percebe-se que a comunidade é composta em sua maioria por idosos, pessoas de meia idade e crianças. Os jovens em sua grande maioria debandam do local em busca de oportunidades melhores para suas vidas.

É fato que as pessoas que deixam a comunidade ainda jovens em busca de emprego, geralmente retornam quando chega a 3ª idade, tamanho o amor que se tem por este local; eles saem para morar fora, e fazem economias para ~~podem~~ passarem sua aposentadoria na terra em que nasceram, daí o fato da comunidade ser composta em sua maioria por idosos ou pessoas meia idade.

Percebe-se que a derrocada da comunidade deu-se em função da privatização da viação férrea, pois com o término dos trens passageiros, houve uma debandada geral da comunidade, causando um esvaziamento da localidade, ficando aqui,

somente aqueles que tinham como se manter. Ou, os que acreditam que o pouco que se consegue aqui seja o suficiente para manter-se.

Em síntese, o lugar do campo na Vila São Sebastião é marcado por muitas histórias e memórias. Um local onde os que conseguem manterem-se não querem arredar pé, única e exclusivamente pela paz e tranquilidade que o lugar transmite. Sabe-se que neste local, como em poucos hoje em dia, pode-se sair de casa sem fechar a porta com a chave (apenas encostamos, como costuma-se dizer), roupas são deixadas no varal tranquilamente a noite, as pessoas costumam atravessar o campo a pé para deslocarem-se de uma rua para outra, crianças vão e vem sozinhos da escola e, a tardinha ainda podem jogar bola e correrem pelas ruas até cansarem ou ouvirem um grito da mãe: (*vem pra casa tomar banho*).

Resumindo, apesar das poucas oportunidades para aqueles que “querem se fazer na vida”, a Vila de São Sebastião, ainda é um lugar como poucos que existem hoje, aonde os saberes dos mais velhos ou mais experientes são valorizados, as crenças como benzer tormenta quando está armado para chover, ou benzeduras para mijada de aranha e cortar o sapinho de criança ainda são muito valorizadas. Os jovens aprendem a valorizar a cultura do local, assim como a população mais idosa, e, vivem em perfeita harmonia com aqueles que por carregarem nos ombros uma imensa bagagem de vida, são tomados como exemplos a serem seguidos.

STORIES AND MEMORIES - REBUILDING THE PLACE OF THE FIELD IN THE COMMUNITY OF SÃO SEBASTIÃO

Abstract

The purpose of this article was to rescue the memories and stories of the people who constitute what is the town of São Sebastião. It was divided into three axes: Knowing the history of the village community of São Sebastião, rescuing the knowledge and knowledge from the memories that make up the community and understanding how the process of (re) signification of knowledge takes place generations. In order to do so, bibliographical research was carried out, and a rescue of the memories of the people who constitute the community of São Sebastião was carried out. Two moments were used: listening and narrative of memories. In summary, the research was based on the coexistence / observation and dialogue with the community, for even being part of this place often did not perceive the knowledge that gives identity to Saint Sebastian, which I am calling meaning and (re) signification knowledge.

Keywords: Field Education, Memories, Stories

REFERÊNCIAS

JACINTHO, ELLEN, RODRIGUES, LIANE, MOREIRA, LIDIANE, MOREIRA LISIANE, Vila São Sebastião, seu Território e seus Sujeitos, Projeto interdisciplinar III, Território e Territorialidade, Dom Pedrito, RS, BRASIL, 2016

JACINTHO, ELLEN, RODRIGUES, LIANE, MOREIRA, LIDIANE, MOREIRA LISIANE, Escola Como Espaço Emancipatório, Projeto interdisciplinar II, Dom Pedrito, RS, BRASIL, 2015

JÁCINTHO. ELLEN, DIAS NUNES. J. RUI, RODRIGUES, LIANE, MOREIRA LIDIANE, MOREIRA. LISIANE, RODRIGUES SENO. LUANA, Memorial de Formação, Projeto Interdisciplinar I: Identidade/processos identitários, Dom Pedrito, 2015

TUMOLO. PAULO. SERGIO. O Trabalho na Forma Social do Capital e o Trabalho como Princípio Educativo: uma Articulação Possível, Santa Catarina, Brasil., 2005

RODRIGUES. LIANE, Gestão de Práticas Sustentáveis no/do Campo, Projeto Interdisciplinar VI, Dom Pedrito, 2017

FERREIRA, TIELLE, RODRIGUES. LIANE, Como Conciliar a Educação do Campo com o Trabalho no Campo; Projeto interdisciplinar V, Trabalho como Princípio Educativo, Dom Pedrito, 2017

RODRIGUES, LIANE; Políticas Públicas inseridas em uma Escola do Campo; Projeto interdisciplinar IV, Dinâmicas socioeconômicas e sociopolíticas no contexto da Educação do Campo. Dom Pedrito, 2016

LOPES. B. MORETTI, C. O Trabalho como Princípio Educativo no MST: Um Estudo de Caso no Assentamento Padre Réus, Santa Cruz Do Sul, RS, Brasil,

TREIN LEITE, JOÃO.FRANCISCO. Coxilha de São Sebastião. Bagé;RS, BRASIL, Novembro de 1996

ZANETTE, M. S. Pesquisa qualitativa no contexto da Educação no Brasil. In. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 65, p. 149-166, jul./set. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n65/0104-4060-er-65-00149.pdf>

ZANTEN, A.; V. Pesquisa qualitativa em educação: pertinência, validade e generalização. In. *PERSPECTIVA*, Florianópolis, v. 22, n. 01, p. 25-45, jan./jun. 2004 Disponível em: http://josenorberto.com.br/03_artigo_zanten.pdf

<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v8n2/01.pdf>

JOVCHELOVICH S, BAUER MW. Entrevista Narrativa. In: Bauer MW, Gaskell G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes; 2002, p. 90-113.

CRESWELL JW. Investigação qualitativa e projeto de pesquisa. Escolhendo entre cinco abordagens. São Paulo: Penso Editora LTDA; 2014.

LUKÁCS G. Narrar ou descrever? In: Ensaios sobre literatura. Konder L, organizadores. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S A; 1965.

BENJAMIN W. O narrador. In: Benjamin W, Horkheimer M, Adorno T, Habermas J. Os pensadores. São Paulo: Editor Victor Civita; 1975. P.63-82 (Textos escolhidos)

CAMPOS RCPR. Pesquisa, Educação e Formação Humana: nos trilhos da história. Belo Horizonte: Autentica Editora; 2010.

DUTRA E. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. Estudos de Psicologia; 2002;7(2), p.371-378.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.p. 90-113.

(PDF) A ENTREVISTA NARRATIVA: dispositivo de produção e análise de dados sobre trajetórias de professoras. Available from:

https://www.researchgate.net/publication/317150290_A_ENTREVISTA_NARRATIVA_dispositivo_de_producao_e_analise_de_dados_sobre_trajetorias_de_professoras

[accessed Oct 02 2018].

LAVABRE, Marie-Claire. Sociología de la memoria y acontecimientos traumáticos. In: ARÓSTEGUI, Julio; GODICHEAU, François. Guerra Civil: mito y memoria. Madrid: Marcial Pons, 2006. 406 p.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 13, n. 38, São Paulo, out. 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69091998000300010&script=sci_arttext. Acesso em 04 de abr. 2008